

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**O Atendimento Educacional Especializado (AEE) em duas escolas na cidade de
Uberlândia**

Larissa Narciso de Medeiros

Monografia apresentada à Coordenação do
Curso de Ciências Biológicas, da
Universidade Federal de Uberlândia, para a
obtenção do grau de Licenciada em Ciências
Biológicas.

Uberlândia – MG
Julho – 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**O Atendimento Educacional Especializado (AEE) em duas escolas na cidade de
Uberlândia**

Larissa Narciso de Medeiros

Fernanda Helena Nogueira-Ferreira

Monografia apresentada à Coordenação do
Curso de Ciências Biológicas, da
Universidade Federal de Uberlândia, para a
obtenção do grau de Licenciada em Ciências
Biológicas.

Uberlândia - MG
Julho – 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**O Atendimento Educacional Especializado (AEE) em duas escolas na cidade de
Uberlândia**

Larissa Narciso de Medeiros

Fernanda Helena Nogueira-Ferreira
Instituto de Biologia

Homologado pela coordenação do
Curso de Ciências Biológicas em __/__/__

Prof^ª. Dr^ª Celine de Melo
Coordenadora de Curso

Uberlândia - MG
Julho - 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**O Atendimento Educacional Especializado (AEE) em duas escolas na cidade de
Uberlândia**

Larissa Narciso de Medeiros

Aprovado pela Banca Examinadora em: 18/07/2017 Nota: 99

Fernanda Helena Nogueira-Ferreira
Presidente da Banca Examinadora

Uberlândia, 18 de julho de 2017.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus por permitir o acontecimento de tudo isso, dando-me saúde e força para superar as dificuldades, ao longo da minha vida, e não somente nestes anos como universitária.

Aos meus pais, por todo amor, incentivo e apoio incondicional. Aos meus irmãos que sempre acreditaram em mim, dando-me forças para seguir adiante. Ao meu namorado por todo carinho e paciência nesses últimos anos.

A Universidade Federal de Uberlândia, por todos os ensinamentos que aqui tive, pelas oportunidades oferecidas a mim e por todos os estágios.

A minha orientadora, Profa. Dra. Fernanda Helena Nogueira-Ferreira, por todo empenho, dedicação e confiança na elaboração deste trabalho, mesmo não sendo de sua área específica, se prontificou a aprender junto.

Agradeço a todos os meus professores da graduação pelo conhecimento transmitido.

As professoras e aos alunos das Escolas Municipais de Uberlândia, na qual realizei a pesquisa, que contribuiu para a minha formação e aprendizado, mostrando-me o caminho a ser seguido.

Aos meus amigos que contribuíram para minha formação, sempre me auxiliando quando necessário.

E por fim a todos que contribuíram direta ou indiretamente para minha formação, Obrigado!

RESUMO

O presente trabalho possui como temática o Atendimento Educacional Especializado (AEE) em Uberlândia (MG), tendo como público alvo alunos com deficiência, alunos com transtornos globais do desenvolvimento e alunos com altas habilidades/superdotação. Tem como objetivo investigar o funcionamento do AEE em duas escolas da Rede Municipal de Uberlândia, com o intuito de analisar o que é disposto na lei com o que existe nas escolas, acompanhando o trabalho dos professores e o desenvolvimento dos alunos. A metodologia utilizada baseou-se em entrevista semiestruturada, sendo realizada com três professoras da área e três alunos, tendo como resultados a dificuldade em conseguir equipamentos multifuncionais e materiais de papelaria para o ensino com mais qualidade, a falta de apoio de alguns pais e também a falta de médicos especialistas e psicólogos na escola para auxiliar os professores e a família do aluno. Após a participação no AEE os alunos desenvolvem, pois tem toda a ajuda necessária das professoras especializadas.

PALAVRAS CHAVE: AEE. Educação Inclusiva. Escola Municipal de Uberlândia.

ABSTRACT

The present work has as theme the Specialized Educational Service (AEE) in Uberlândia (MG), having as target audience the students with disabilities, the students with developmental global disorders and students with high skills / super endowment. Has as objective investigate the functioning of (AEE) in two schools in the municipal network of Uberlândia, in order to analyze what is said in the law with what exists in schools, accompanying the work of teachers and the development of the students. The methodology used was based on half structured interviews, being performed held with three teachers of the area and three students, having as a result of the difficulty in obtaining multifunction equipment and materials of stationery for teaching with more quality, lack of support from some parents and also the lack of specialist doctors and psychologists at school to help teachers and the family of the student. After participating in the AEE developed students, instead of a necessary help from specialized teachers.

KEYWORDS: AEE. Inclusive Education. Municipal School of Uberlândia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
METODOLOGIA.....	08
RESULTADOS.....	09
CONCLUSÃO.....	16
REFERÊNCIAS.....	17
APÊNDICES.....	20

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva é um direito assegurado na Constituição Federal para todos os estudantes do país e a efetivação desse direito deve ser garantida pelas redes de ensino, sem nenhum tipo de distinção. Entretanto, devemos lembrar que para que a inclusão realmente aconteça a escola deve ter sua equipe humana e estrutura física preparadas para receber com qualidade esses estudantes.

A inclusão defende a inserção no ensino regular de alunos com quaisquer déficits e necessidades, cabendo às escolas se adaptarem às necessidades dos alunos, ou seja, a inclusão acaba por exigir uma ruptura com o modelo tradicional de ensino (BATISTA & ENUMO, 2004). A exclusão escolar, por sua vez, manifesta-se das mais diversas e perversas maneiras, e quase sempre o que está em jogo é a ignorância do aluno diante dos padrões de cientificidade do saber escolar (MANTOAN, 2015).

A escola deve incluir esse aluno e não fazer com que ele se sinta excluído em meio aos demais colegas. Uma das maneiras de realizar a inclusão dessas crianças/adolescentes é por meio do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A educação inclusiva, fundamentada em princípios filosóficos, políticos e legais dos direitos humanos, compreende a mudança de concepção pedagógica, de formação docente e de gestão educacional para a efetivação do direito de todos à educação, transformando as estruturas educacionais que reforçam a oposição entre o ensino comum e especial e a organização de espaços segregados para alunos público alvo da educação especial. Nesse contexto, o desenvolvimento inclusivo das escolas assume a centralidade das políticas públicas para assegurar as condições de acesso, participação e aprendizagem de todos os alunos nas escolas regulares, em igualdade de condições. (Nota Técnica, 2011).

De acordo com o Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011, Art. 1º, o dever do Estado com a educação das pessoas público-alvo da educação especial será efetivado de acordo com as seguintes diretrizes:

I - garantia de um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades;

II - aprendizado ao longo de toda a vida;

III - não exclusão do sistema educacional geral sob alegação de deficiência;

IV - garantia de ensino fundamental gratuito e compulsório, asseguradas adaptações razoáveis de acordo com as necessidades individuais;

V - oferta de apoio necessário, no âmbito do sistema educacional geral, com vistas a facilitar sua efetiva educação;

VI - adoção de medidas de apoio individualizadas e efetivas, em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social, de acordo com a meta de inclusão plena;

VII - oferta de educação especial preferencialmente na rede regular de ensino; e

VIII - apoio técnico e financeiro pelo Poder Público às instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial.

O ensino oferecido no atendimento educacional especializado é necessariamente diferente do ensino regular e não pode caracterizar-se como um espaço de reforço escolar ou complementação das atividades escolares (SARTORETTO & BERSCH, 2014).

Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial é definida como uma modalidade de ensino transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, que disponibiliza recursos e serviços e realiza o AEE de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos público alvo da educação especial (Nota Técnica, 2011).

A Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008, p.15) define o AEE com função complementar e/ou suplementar à formação dos alunos, especificando que “o atendimento educacional especializado tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas”.

Os sistemas de ensino devem oferecer essa forma de atendimento para os alunos alvos do Atendimento Educacional Especializado, nas várias etapas da vida escolar, todo esse trabalho deve ser acompanhado de perto pela família.

Segundo Kassar (2014), a Resolução n. CNE/CEB 02/2001, que define as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, estabeleceu dois tipos de professores aptos a assumir o magistério para os “alunos com necessidades educacionais especiais”, em seu artigo 18: os “capacitados” e os “especializados”.

§ 1º São considerados professores capacitados para atuar em classes comuns com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais aqueles que comprovem que, em sua formação, de nível médio ou superior, foram incluídos conteúdos sobre educação especial adequados ao desenvolvimento de competências e valores para:

I - perceber as necessidades educacionais especiais dos alunos e valorizar a educação inclusiva;

II- flexibilizar a ação pedagógica nas diferentes áreas de conhecimento de modo adequado às necessidades especiais de aprendizagem;

III - avaliar continuamente a eficácia do processo educativo para o atendimento de necessidades educacionais especiais;

IV - atuar em equipe, inclusive com professores especializados em educação especial.

§ 2º São considerados professores especializados em educação especial aqueles que desenvolveram competências para identificar as necessidades educacionais especiais para definir, implementar, liderar e apoiar a implementação de estratégias de flexibilização, adaptação curricular, procedimentos didáticos pedagógicos e práticas alternativas, adequadas aos atendimentos das mesmas, bem como trabalhar em equipe, assistindo o professor de classe comum nas práticas que são necessárias para promover a inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais.

§ 3º Os professores especializados em educação especial deverão comprovar:

I - formação em cursos de licenciatura em educação especial ou em uma de suas áreas, preferencialmente de modo concomitante e associado à licenciatura para a educação infantil ou para os anos iniciais do ensino fundamental;

II - complementação de estudos ou pós-graduação em áreas específicas da educação especial, posterior à licenciatura nas diferentes áreas de conhecimento, para atuação nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio.

§ 4º Aos professores que já estão exercendo o magistério devem ser oferecidas oportunidades de formação continuada, inclusive em nível de especialização, pelas instâncias educacionais da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios.

São atribuições do professor do Atendimento Educacional Especializado, de acordo com a Nota Técnica – SEESP/GAB/Nº 11/2010: :

I. Elaborar, executar e avaliar o Plano de AEE do aluno, contemplando: a identificação das habilidades e necessidades educacionais específicas dos alunos; a definição e a organização das estratégias, serviços e recursos pedagógicos e de acessibilidade; o tipo de atendimento conforme as necessidades educacionais específicas dos alunos; o cronograma do atendimento e a carga horária, individual ou em pequenos grupos;

II. Programar, acompanhar e avaliar a funcionalidade e a aplicabilidade dos recursos pedagógicos e de acessibilidade no AEE, na sala de aula comum e nos demais ambientes da escola;

III. Produzir materiais didáticos e pedagógicos acessíveis, considerando as necessidades educacionais específicas dos alunos e os desafios que estes vivenciam no ensino comum, a partir dos objetivos e das atividades propostas no currículo;

IV. Estabelecer a articulação com os professores da sala de aula comum e com demais profissionais da escola, visando a disponibilização dos serviços e recursos e o desenvolvimento de atividades para a participação e aprendizagem dos alunos nas atividades escolares; bem como as parcerias com as áreas intersetoriais;

V. Orientar os demais professores e as famílias sobre os recursos pedagógicos e de acessibilidade utilizados pelo aluno de forma a ampliar suas habilidades, promovendo sua autonomia e participação;

VI. Desenvolver atividades próprias do AEE, de acordo com as necessidades educacionais específicas dos alunos: ensino da Língua Brasileira de Sinais – Libras para alunos com surdez; ensino da Língua Portuguesa escrita para alunos com surdez; ensino da Comunicação Aumentativa e Alternativa – CAA; ensino do sistema Braille, do uso do soroban e das técnicas para a orientação e mobilidade para alunos cegos; ensino da informática acessível e do uso dos recursos de Tecnologia Assistiva – TA; ensino de atividades de vida autônoma e social; orientação de atividades de enriquecimento curricular para as altas habilidades/superdotação; e promoção de atividades para o desenvolvimento das funções mentais superiores.

O Atendimento Educacional Especializado, definido pelo Decreto nº 7.611 da Casa Civil, de 17 de novembro de 2011, é gratuito aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, e deve ser oferecido de forma transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino (PORTAL INEP).

De acordo o Portal do MEC, a Resolução CNE/CEB nº 04/2009, Art. 4º, considera-se público-alvo do AEE:

I – Alunos com deficiência: aqueles que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, intelectual, mental ou sensorial.

II – Alunos com transtornos globais do desenvolvimento: aqueles que apresentam um quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação ou estereotípias motoras. Incluem-se nessa definição alunos com autismo clássico, síndrome de Asperger, síndrome de Rett, transtorno desintegrativo da infância (psicoses) e transtornos invasivos sem outra especificação.

III – Alunos com altas habilidades/superdotação: aqueles que apresentam um potencial elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas: intelectual, liderança, psicomotora, artes e criatividade.

Para participar do AEE, muitos alunos já vão com laudo médico alegando a necessidade de atendimento especializado, e outros são detectados pelo professor em sala de aula, nesses casos, é passado para a gestão da escola e para a família a necessidade deste aluno(a), que então poderá ser encaminhado ao AEE.

O AEE é realizado prioritariamente na sala de recursos multifuncionais da própria escola ou de outra escola, no turno inverso da escolarização, não sendo substitutivo às classes comuns (Nota Técnica, 11/2011).

A sala de recursos multifuncionais é, portanto, um espaço da escola comum provido de materiais didáticos, pedagógicos e de tecnologia assistiva, onde trabalham profissionais com formação específica para o atendimento dos alunos com dificuldades educacionais especiais em razão de algum tipo de deficiência (auditiva, visual, motora, cognitiva, verbal), de transtornos globais de desenvolvimento ou de altas habilidades/superdotação. Chama-se sala de recursos multifuncionais precisamente porque nela se concentram materiais didáticos, equipamentos e profissionais aptos a atender, de forma flexível, aos diversos tipos de necessidades educacionais especiais (SARTORETTO & SARTORETTO, 2010).

Com base no artigo Art. 10. da Resolução CNE/CEB nº 04/2009, o projeto pedagógico da escola de ensino regular deve institucionalizar a oferta do AEE prevendo na sua organização:

I – sala de recursos multifuncionais: espaço físico, mobiliário, materiais didáticos, recursos pedagógicos e de acessibilidade e equipamentos específicos;

II – matrícula no AEE de alunos matriculados no ensino regular da própria escola ou de outra escola;

III – cronograma de atendimento aos alunos;

IV – plano do AEE: identificação das necessidades educacionais específicas dos alunos, definição dos recursos necessários e das atividades a serem desenvolvidas;

V – professores para o exercício da docência do AEE;

VI – outros profissionais da educação: tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais, guia-intérprete e outros que atuem no apoio, principalmente às atividades de alimentação, higiene e locomoção;

VII – redes de apoio no âmbito da atuação profissional, da formação, do desenvolvimento da pesquisa, do acesso a recursos, serviços e equipamentos, entre outros que maximizem o AEE.

Parágrafo único. Os profissionais referidos no inciso VI atuam com os alunos público alvo da Educação Especial em todas as atividades escolares nas quais se fizerem necessários.

De acordo com a Secretaria de Educação de Uberlândia, o município, em consonância com as leis nacionais sobre a Educação Especial Inclusiva implantou a Política de Educação Inclusiva em 1991, por meio de Leis que visam atender alunos, público da Educação Especial regularmente matriculados nas unidades escolares da rede municipal de ensino.

A Educação Especial, no contexto da educação inclusiva, oferece respostas pedagógicas diversificadas para atender as especificidades de cada aluno, promovendo suporte pedagógico e assessoramento aos professores das classes regulares, nas quais os alunos encontram-se matriculados. Um dos objetivos do AEE em nosso município é desenvolver um trabalho que garanta aos alunos, público da Educação Especial o acesso à escolaridade, removendo barreiras que impeçam a frequência dos mesmos às classes comuns do ensino regular, ajudando-os na construção desse conhecimento e saber universal.

Apesar das barreiras o município de Uberlândia tem apoiado todas as ações e fomentado a participação de cursos de Formação Continuada dos profissionais que atuam nas

salas de recursos multifuncionais no AEE de cada Unidade Escolar (Portal da Secretaria de Educação De Uberlândia, 2014).

No município de Uberlândia, existe o Núcleo de Apoio às Diferenças Humanas (NADH), que atua na orientação e realização de acompanhamento pedagógico na Educação Especial, presente nas escolas municipais da cidade, oferecendo apoio técnico para as escolas, através dos serviços de Educação Especial, AEE, Instrução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais, Braille, Soroban, Cuidador Volante, Assessoria à sala comum; além da formação continuada de profissionais da área da Educação e implantação de salas de recursos multifuncionais,

Em Uberlândia há 118 Unidades Escolares Municipais, sendo que, 106 escolas possuem o AEE. Destas, 52 escolas são do Ensino Fundamental e 54 da Educação Infantil. É por esse motivo que Uberlândia já foi contemplada pelo MEC com 85 salas de recursos multifuncionais - SEM (Secretaria de Educação de Uberlândia, 2014).

A escolha do tema para essa pesquisa se deu através do Estágio supervisionado 1 (um), disciplina do curso de licenciatura em Ciências Biológicas, que foi realizado em uma Escola Municipal da cidade de Uberlândia. Tínhamos como objetivo escolher um setor da escola para que pudéssemos conhecer melhor o seu funcionamento e criar um projeto de investigação. Escolhi então o AEE, pois era um lugar que eu sabia que existia, porém não sabia como funcionava, o que era necessário para participar do AEE e sobre a formação das professoras. Após o início do desenvolvimento do projeto fomos para a sala de aula e tive a oportunidade de conhecer uma criança que tem deficiência motora e que participava do AEE. Aprendi muito ao ver que essa aluna era incluída na sala de aula pelos seus colegas e professores.

A falta de conhecimento, o preconceito e a aceitação das famílias e sociedade, torna o assunto ainda mais delicado, pois nós não sabemos como devemos nos referir a essas pessoas,

qual a maneira de ajudar/ensinar as pessoas portadoras de deficiência. O preconceito, na maioria das vezes, começa dentro de casa, onde muitos pais não aceitam que seus filhos participem do AEE.

Com esse trabalho pretendemos mostrar que é possível ensinar os alunos que possuem dificuldade intelectual ou motora, sendo que, para isso são necessários professores especializados que auxiliem no processo de aprendizagem desse aluno. Esse trabalho tem como objetivo investigar o funcionamento do AEE em duas escolas da rede municipal de Uberlândia, confrontando o que é disposto na lei com a prática nas escolas; descrever o trabalho realizado pelo professor do AEE; pesquisar se a qualidade de vida dos estudantes participantes do AEE é alterada e investigar a visão do professor em relação ao que para seria seu trabalho ideal no AEE.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em duas escolas da Rede Municipal de Uberlândia, onde acompanhamos o funcionamento do AEE nas escolas entre março e junho de 2016 e também entre março e maio de 2017, para entendermos como é o trabalho desenvolvido pelas professoras.

Nós já havíamos trabalhado nas escolas em estágios anteriores, por esse motivo foram escolhidas. Realizamos algumas pesquisas nas escolas com o mesmo tema, AEE, o contato com os professores e gestores auxiliou em nosso trabalho.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada. Esta metodologia foi utilizada por permitir espontaneidade dos participantes. Tínhamos algumas questões predefinidas (Apêndice I), que serviram para direcionar a nossa conversa, porém não houve uma ordem a seguir, o que nos deu liberdade para acrescentar outras perguntas e/ou complementar algumas. Foram entrevistados três estudantes e três professoras, que possuem

especialização em Educação Especial ou Psicomotricidade. Em relação aos estudantes, dois deles possuem deficiência intelectual e o outro, transtorno desintegrativo da infância.

Todos os entrevistados assinaram Termo de Consentimento (Apêndice II), autorizando o uso das informações cedidas por eles, ficando resguardados quanto à preservação de sua identidade na pesquisa produzida, onde receberam nomes fictícios.

As entrevistas foram gravadas com o uso de um gravador de voz de celular. Também foram realizadas algumas anotações no papel que posteriormente, foram transcritas (Apêndice III).

RESULTADOS

Nas conversas obtidas com as professoras vimos que o AEE funciona de acordo com a legislação, como professores capacitados para atuar na área, possui salas de recursos multifuncionais com equipamentos apropriados para os alunos deficientes, todas as professoras tem no mínimo especialização em Educação Especial ou Inclusiva, o atendimento é individualizado, com horário marcado.

“Cada aluno deve ficar apenas 200 minutos semanais no atendimento especializado, sendo aulas de linguagem, raciocínio lógico e matemático, arteterapia e psicomotricidade, cada aula tem 50 minutos” disse a professora Rosana.

Esse tempo é muito curto em relação ao que é necessário para o desenvolvimento da criança e do adolescente. Eles vão para o atendimento no contra turno, que ocorre no mínimo duas vezes por semana, pois as aulas não são todas no mesmo dia.

Enquanto o conhecimento acadêmico refere-se à aprendizagem do conteúdo curricular, o AEE trabalha “a forma pela qual o aluno trata todo e qualquer conteúdo que lhe é apresentado e como consegue significá-lo”. Assim, o AEE do aluno com deficiência intelectual deve priorizar o desenvolvimento de habilidades necessárias a cada momento; tal atendimento não se trata de um período extra de reforço dos conteúdos acadêmicos ensinados na sala de aula comum. A perspectiva é de uma

construção particular de conhecimento importante para a vida acadêmica e geral do aluno (SANTOS, 2012).

Uma das dificuldades das professoras é a frequência dos alunos, pois como os pais trabalham muitos não tem tempo e levar seus filhos para o atendimento: *“a gente fica revezando e ajeitando para atender também os pais”*, a professora Rosana quis dizer que na escola existem alguns alunos que não vão embora quando a aula do ensino regular acaba. Eles ficam na escola, almoçam, para facilitar para os pais. O revezamento acontece entre as professoras, merendeiras e auxiliares de serviços gerais. Essa permanência acontece nas duas escolas observadas, inclusive os alunos entrevistados, permanecem na escola em alguns dias.

Outra dificuldade encontrada pelas professoras é o atendimento psicológico, que deveria existir, o que facilitaria o trabalho das professoras e as ajudariam a entender quais são as dificuldades de cada aluno. *“Aqui na escola precisava de um psicólogo, médico neurologista que pudesse atender mais rápido esses meninos, porque gasta em média 6 meses para um atendimento, todo mundo sabe que no setor publico é assim. Eles precisam desse atendimento, mas demora muito, psicólogo é mais de ano para conseguir”*, disse a professora Rosana. A professora Débora da outra escola concorda que é necessária a ajuda de outros profissionais, *“deveríamos trabalhar juntamente com um psicólogo, porque muita coisa a gente desconhece mesmo, da complexidade de cada aluno, porque tem alunos mais comprometidos que outros, então a gente precisaria de um apoio psicológico/orientação mais próxima, onde pudéssemos sentar e reunir para trocar ideia sobre o aluno, porque aqui a gente quase não tem esse momento, é necessário encaminhar para as UAIs”*.

Se nas escolas tivesse o apoio de profissionais específicos ligados a cada tipo de deficiência dos alunos, o rendimento e desenvolvimento deles poderia ser bem melhor, pois cada aluno teria uma atenção especial para a sua deficiência.

As salas de recursos multifuncionais tem o básico para as professoras trabalharem, quanto a material de papelaria e jogos didáticos, mas elas acreditam que poderiam ser melhores e mais equipadas, com computadores específicos para alunos cegos, material didático disponível para todos os alunos com, as salas de aula comum deveriam todas ter profissionais capacitados para auxiliar esses alunos durante a aula. Outras vezes as salas possuem os recursos, mas eles não funcionam, vimos em uma das escolas em que a internet e a impressora não estavam funcionando há dias, e a gestão da escola não tinha previsão de quando iria voltar.

A sala de recursos multifuncionais é um espaço da escola comum provido de materiais didáticos, pedagógicos e de tecnologia assistiva, onde trabalham profissionais com formação específica para o atendimento dos alunos com dificuldades educacionais especiais em razão de algum tipo de deficiência (auditiva, visual, motora, cognitiva, verbal), de transtornos globais de desenvolvimento ou de altas habilidades/superdotação (SARTORETTO & SARTORETTO 2010).

A maior parte dos recursos didáticos que as professoras necessitam para utilizar com os alunos do AEE são produzidos por elas mesmas. O uso de jogos didáticos no AEE auxilia muito no desenvolvimento dos alunos. É um momento em que os alunos tem toda a atenção da professora, diferentemente do que ocorre no ensino regular onde o professor(a) tem muitos alunos dentro de uma sala de aula, não sendo possível na maior parte do tempo dar atenção especialmente a um determinado aluno. A professora Rosana diz também *“nós temos um aluno cego, lá na sala não está nem cabendo, mas ele está lá, precisando de apoio dentro da sala de aula. Fui lá nesse momento e o coleguinha está ajudando ele a fazer um trabalho, esse aluno tem recurso, mas o professor não tem tempo na sala com esse monte de aluno e ir lá individualmente tirar as dúvidas e colocar o conteúdo no computador dele. O professor regente teria que voltar a aula só para esse menino, mas ele tem outros 36 alunos na sala de aula”*.

Salas de aula cheias de alunos é uma realidade enfrentada pela maioria dos professores da Rede Municipal de Uberlândia. Pensando e olhando para os alunos com deficiência, nem todas as escolas possuem cuidadores (responsável por auxiliar o professor regente quando há um portador de deficiência na sala).

O cuidador deve acompanhar o aluno de maneira individualizada e auxiliar nas necessidades pessoais e auxílio das tarefas. Para cada uma dessas situações, há um profissional que melhor atende às necessidades dos alunos – podendo ser um(a) professor(a) auxiliar, um(a) especialista em inclusão, um(a) estagiário(a) de Pedagogia ou Psicologia, ou alguém da área da saúde. A única orientação que algumas secretarias de educação seguem vem do artigo 58 da LDB que afirma que “haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de Educação Especial” (SÁ, 2017).

O apoio dos pais é muito importante para as professoras do AEE, porém muitos ainda tem o preconceito de não autorizar seu filho a participar do atendimento especializado, foi relatado pela professora que Débora que *“alguns pais dizem que os filhos não são doidos, por isso, eles não precisam de atendimento especializado”* e como nós sabemos o AEE é um tipo de atendimento que atue na inclusão dos alunos, independentemente da deficiência que eles possuam. É uma barreira difícil a ser quebrada, um conceito culturalmente estabelecido em nossa sociedade, apenas pelo fato da criança ou adolescente ter um atendimento especializado fora da sala de aula é considerado incapaz, podendo sofrer discriminação.

Santos (2012) acredita que é necessário compartilhar decisões e objetivos escolares com a família, inclusive para incentivar a responsabilidade e o envolvimento dos pais em práticas de ensino fora do ambiente escolar. Além disso, é necessário trabalhar com a família as competências almejadas na escola, a fim de reforçar a memorização.

As professoras Rosana e Valéria relataram que tentam envolver as famílias nesse processo, porque é necessário, pois o aluno fica na escola apenas 4h30min, o ideal seria que eles ficassem em tempo integral para que elas pudessem oferecer mais recursos a eles. A maior parte do dia os alunos passam fora da escola e se os pais não os ajudam, o processo de

aprendizagem se torna cada vez mais lento. *“Alguns pais trabalham junto, acho que toda escola tem isso, tem os pais que são presentes e acompanham e tem os pais que não se interessam muito”*, completou a Professora Débora.

De acordo com Santos (2012) é importante que a escola gere no aluno e na família o interesse permanente pela aprendizagem e pelo crescimento pessoal, uma vez que é característica do ser humano a possibilidade da mudança e da vivência de aprendizagens e experiências variadas por toda a vida.

Os alunos entrevistados foram bem objetivos em suas respostas, ou seja, respondiam sim ou não. A única resposta mais elaborada que obtivemos foi à pergunta: - Como você se sente na escola, seus colegas de sala te ajudam? Eles responderam a mesma coisa *“os nossos colegas da sala não ajudam, a gente fica isolado na sala de aula, apenas alguns são nossos amigos. Nem todos os professores da sala nos ajudam, toda a nossa ajuda vem do AEE”*.

Com base nessas respostas dá para perceber que os alunos deficientes sofrem preconceito pelo restante dos colegas. Em relação aos professores regentes, devemos considerar que não existe um treinamento ou formação específica para que eles possam ajudar os alunos com deficiência, além do fato de não terem tempo durante a aula para auxiliar esses alunos.

Os alunos portadores de deficiência em muitos momentos não se sentem incluídos e sim excluídos, pois são poucas as pessoas que estão dispostas a olharem para eles e verem que eles necessitam de ajuda. Se eles participam do atendimento especializado é porque eles tem dificuldades que não podem ser sanadas pelos professores do ensino regular e precisam de pessoas especializadas para ajudá-los.

“A aluna Carla se desenvolveu bastante, porque ela é muito carente também, e aqui como a gente atende mais o individual a gente conversa muito com ela. Carla está atrasada, mas é por causa do problema dela, que ela nunca vai conseguir acompanhar o ensino

regular, devido à dificuldade de memorização, ela sempre vai ter um déficit de aprendizagem”, a Professora Débora que trabalha Linguagens (Português/Inglês), História, Geografia, vê as melhoras na vida educacional e pessoal da aluna após sua participação no AEE. Carla possui Transtorno Desintegrativo da Infância (Déficit de memória).

Os alunos Bruna e Jorge, são muito amigos eles frequentam o AEE juntos, ambos possuem Deficiência Intelectual. *“Eles se desenvolvem bem mais quando vem pra cá, eu acredito que muito mais”* disse a Professora Rosana que trabalha linguagens com eles, *“Eu sei o que o professor está trabalhando na sala de aula, pra eu trabalhar com jogos, uma coisa diferente ou dentro da série, aquilo que vai facilitar desenvolvimento dele lá fora, a vida dele mais prática lá na rua e na família”*. Já a professora Valéria trabalha com eles a Psicomotricidade e Arteterapia, que visam atividades de memorização, concentração, aspectos motores e a relação interpessoal. O desenvolvimento desses alunos, está caminhando aos poucos, mas é o ideal devido as dificuldades que eles tem.

O trabalho é adequado de acordo com a necessidade de cada aluno, o que é utilizado para um aluno cego não é o mesmo utilizado para um aluno surdo, todos tem suas peculiaridades. *“Porque na verdade a gente tenta não trabalhar na dificuldade, a gente tenta trabalhar na possibilidade dele, então a gente tenta focar mais nas possibilidades que ele tem”* disse a professora Valéria.

As limitações e possibilidades educacionais do aluno com deficiência intelectual não requerem intervenções complexas em relação às práticas pedagógicas comuns, mas exigem do professor uma atuação mais próxima, frequente e particular em relação a cada objetivo escolar e às habilidades envolvidas para que as metas se realizem (SANTOS, 2012). Nas escolas aqui pesquisadas o trabalho com os alunos do AEE é feito com o que as professoras podem oferecer, ou seja, com “básico existente”. Mesmo assim, percebemos como ele é importante

para os alunos participantes. Desta forma, acreditamos que se existissem mais recursos e equipamentos disponíveis provavelmente, os resultados seriam melhores ainda.

O que torna melhor o trabalho dessas professoras é o amor e o carinho que elas tem com seus alunos e por sua profissão. A professora Débora disse que *“É muito mais gratificante trabalhar no AEE do que no regular, aqui os meninos se esforçam, é outra coisa, eles fora da sala e longe dos coleguinhas são outras pessoas. Quando eles estão no grupo ficam até mais indisciplinados, mais rebeldes, aqui não, eles fazem tudo que se propõe. A gente vê que eles precisam diferente dos alunos do regular, que eles fazem tão pouco caso do conhecimento que os alunos não estão nem aí, acham que não precisam aprender. Não valorizam nada do conhecimento, o que eles fazem é debochar. Aqui no AEE os meninos se empenham, eles precisam mesmo, isso é muito bom”*.

Melhor do que ensinar deve ser a sensação de dever cumprido, a sensação de ter ajudado aquele aluno portador de deficiência com algo que ele não seria capaz de alcançar sozinho ou sem a ajuda desses professores. É um trabalho muito bonito e que deve continuar, pois esses alunos merecem. Não é pelo fato de serem portadores de deficiência que eles não podem estar incluídos na sociedade e estarem matriculados nas escolas de ensino regular, não necessariamente uma escola especial.

Os alunos gostam de frequentar o AEE, pois lá eles podem ser quem eles realmente são, não há preconceito e eles não são excluídos, eles recebem toda a atenção necessária. A sociedade precisa compreender que o Atendimento Educacional Especializado é necessário e é uma ajuda para as crianças e adolescentes. Eles frequentam o AEE por precisarem de pessoas capazes de ensinar e reconhecer suas dificuldades e possibilidades.

CONCLUSÃO

Com esse trabalho concluímos que o AEE é essencial nas escolas, para que possam incluir os alunos deficientes na sociedade. As escolas pesquisadas tem basicamente os recursos necessários, mas ainda precisam de melhorias no que se refere à equipamentos e materiais.

As maiores dificuldades enfrentadas pelas professoras é a baixa frequência dos alunos no AEE, devido ao trabalho dos pais, que não tem tempo para levarem os filhos à escola no extra turno. Outro fator é a falta de apoio das famílias, pois algumas não tem interesse em ajudar o filho em seu desenvolvimento escolar, deixando-os a mercê de apoio. O tempo de permanência no AEE é considerado curto pelas professoras, os alunos não podem ultrapassar 200 minutos semanais, o que dificulta o trabalho pedagógico.

Os alunos se sentem excluídos dentro da sala de aula do ensino regular, pois os demais colegas não tem paciência em ajudá-los e os professores não tem tempo para atender o aluno individualmente na sala de aula, devido a quantidade grande de alunos.

As professoras do AEE gostam muito do trabalho que fazem, para elas é muito gratificante ver o desenvolvimento e a melhora na aprendizagem e no meio social de seus alunos.

REFERÊNCIAS

BATISTA, M. W.; ENUMO, S. R. F. **Inclusão escolar e deficiência mental: análise da interação social entre companheiros**. Espírito Santo. 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Nota Técnica-SEESP/GAB/Nº 11/2011**. Orientações para a institucionalização da Oferta do Atendimento Educacional Especializado – AEE em salas de Recursos Multifuncionais, implantadas nas escolas regulares. Brasília, 2010.

DECRETO Nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 2011.

INEP (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA), **Educação Inclusiva e o Atendimento Educacional Especializado**, 2011. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/educacenso/duvidas-educacao-especial>>. Acesso em 09 jan. 2017.

KASSAR, M. C. M.; A formação de professores para a educação inclusiva e os possíveis impactos na escolarização de alunos com deficiências. In: **CAIADO, Katia Regina Moreno**. Educação Escolar de Pessoas com Deficiências: Análise de Indicadores Educacionais. Campinas: Cadernos Cedes, 2014. p. 207-224. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

MANTOAN, M. T. E.; **Inclusão Escolar - O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015. 96 p.

PREFEITURA DE UBERLÂNDIA. **NADH - Núcleo de Apoio às Diferenças Humanas.**

Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=cemepe&pg=1010>>. Acesso em: 03 nov. 2017.

Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Secretaria de Educação Especial - MEC/SEESP, 2008. Disponível em: . Acesso em: 03. nov. 2017.

PORTAL DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE UBERLÂNDIA. Disponível em: <http://www.uberlandia.mg.gov.br/2014/secretaria-pagina/30/2083/programas_e_projetos.html>. Acesso em: 09 jan. 2017.

PORTAL EDUCAÇÃO, **Entrevista Semiestruturada e suas características**, 2015. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/recursos-humanos/entrevista-semi-estruturada-e-suas-caracteristicas/62328>>. Acesso em 01 jun. 2017.

RESOLUÇÃO Nº. 4, de 2 de outubro de 2009. Institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, na modalidade Educação Especial. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Disponível em: Acesso em 07 jan. 2017.

SÁ, R. **Porque os auxiliares são necessários.** Disponível em: <<http://www.infoescola.com/educacao/porque-os-auxiliares-sao-necessarios/>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

SANTOS, D. C. O. dos. **Potenciais dificuldades e facilidades na educação de alunos com deficiência intelectual.** Universidade Federal do Goiás, 2012. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 38, n. 04, p. 935-948, out./dez. 2012.

SARTORETTO, M.L. & BERSCH, R., **Atendimento Educacional Especializado – AEE**, 2014. Disponível em: <<http://www.assistiva.com.br/aee.html>>. Acesso em: 07 jan. 2017

SARTORETTO, R. & SARTORETTO, M.L., **Atendimento Educacional Especializado e Laboratórios de Aprendizagem: O que são e a quem se destinam**. Assistiva Tecnologia e Educação, 2010. Disponível em: <http://assistiva.com.br/AEE_Laborat%C3%B3rios.pdf>. Acesso em: 03 jul.2017.

APÊNDICES

APÊNDICE I – Roteiro de Entrevista

- **Professor:**

1. Qual(is) a(s) necessidade(s) desse aluno(a)?
2. Como você trabalha com esse aluno (a)? É a maneira que você gostaria de trabalhar, ou gostaria de melhorar algo?
3. Como foi o desenvolvimento/evolução desse aluno (a)? É a maneira esperada? Se não, como que deveria ser o desenvolvimento desse aluno realizado por um trabalho ideal?

- **Alunos**

1. Podemos conversar um pouco sobre sua deficiência? Ela foi adquirida ao longo da vida?
2. Como era sua vida antes de participar do AEE?
3. O que mudou depois que você começou a participar do AEE?
4. Como você se sente na escola, seus colegas de sala te ajudam? Vocês tem muitos amigos aqui?

APÊNDICE II – Termo de Consentimento**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar no Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado(a) **Atendimento Educacional Especializado (AEE) na cidade de Uberlândia**, desenvolvida (o) por Larissa Narciso de Medeiros.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas se fará de forma anônima, por meio de entrevista semiestruturada, sendo gravada a partir da assinatura desta autorização.

Atesto recebimento de uma cópia.

Uberlândia, ____ de _____ de 2017.

Assinatura do (a) participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE III – Transcrição das Entrevistas

➤ **Entrevista com a Professora Débora, é professora do AEE há 5 anos. É formada em letras, com especialização em educação inclusiva, possui curso de Libras e Braille.**

1. Qual(is) a(s) necessidade(s) desse aluno(a)?

A aluna possui Transtorno Desintegrativo da infância (Déficit de memória).

2. Como você trabalha com esse aluno (a)? É a maneira que você gostaria de trabalhar, ou gostaria de melhorar algo?

Trabalha Linguagens (Português/Inglês), História, Geografia e tenta tirar as dificuldades dela. Com a aluna a gente trabalha muito também é reforço, como ela tem dificuldade de memorização, interpretação de texto, então trabalho com ela muita leitura, jogos, atividades para memória, quebra cabeça, palavra cruzada; eu intercalo um pouco de conteúdo com um pouco de atividades que são inerentes mesmo do atendimento educacional. Porque aqui também a gente trabalha muito com o reforço.

Com certeza a gente sempre gostaria de melhorar, mas eu trabalho com o que é necessário, eu acho que é o que preciso também, porque no caso específico da aluna, ela tem uma deficiência intelectual leve, então é no sentido mais de reforço e também a socialização. Quando ela chegou aqui, ela não era bem socializada, tinha perdido o pai e ela estava com dificuldade de relacionamento, então ela melhorou muito.

3. Como foi o desenvolvimento/evolução desse aluno (a)? É a maneira que deveria acontecer? Se não, como que deveria ser o desenvolvimento desse aluno realizado por um trabalho ideal?

Ela desenvolveu bastante, porque ela é muito carente também, e aqui como a gente atende mais o individual a gente conversa muito com ela, porque a mãe trabalha o dia todo, ela tem uma avó que apoia, mas mora em SP, então ela é muito carente, ela é a mais velha dos irmãos e ajuda muito a mãe a olhar os irmãos pequenos; então acho que pra ela foi muito bom. Ela está atrasada, mas é por causa do problema dela, que ela nunca vai conseguir acompanhar o ensino regular, devido à dificuldade de memorização, ela sempre vai ter um déficit de aprendizagem.

- **Como é o funcionamento do AEE na escola?** Estamos em Abril e até hoje não começaram as aulas de atendimento de raciocínio lógico, psicomotricidade ainda não tem professor. Só eu que estou atendendo, e eles estão sem aula ainda, vejo que tem muita coisa que precisa melhorar.

- **Os pais auxiliam o trabalho dos professores do AEE?** Alguns pais trabalham junto, no caso a mãe da aluna mesmo pra ela vir aqui esses dias foi uma dificuldade, acho que toda escola tem isso, tem pais que são presente e acompanham e tem outros que não. No caso da aluna, a mãe deixa muito a desejar, inclusive o laudo, que ela precisa trazer um novo laudo, até hoje nada.

- **Quais as maiores dificuldades no AEE?** A maior dificuldade do AEE é a ansiedade que a gente tem em ajudar, porque o conhecimento que nós temos, eu acho que deveria ter feito uma psicologia ou trabalhar juntamente com um psicólogo, porque muita coisa a gente desconhece mesmo, da complexidade de cada aluno, porque tem aluno mais comprometidos que ela, então a gente precisaria de um apoio psicológico/orientação mais próxima. Onde se a gente sentasse e reunisse para trocar ideia, porque aqui a gente quase não tem esse momento. Na escola não tem atendimento psicológico, é necessário encaminhar para as UAIs, eles são atendidos na rede pública, mas eu acho que na escola deveria ter.

- **As salas possuem os recursos necessários?** A sala tem os recursos, mas as vezes não funciona direito, igual internet nós estamos sem a internet, temos a impressora que também deu problema mas aqui não tem manutenção nos recursos tecnológicos que nós temos. Trabalho com ela jogos, dramatização, muita leitura, filmes, como ela é muito ansiosa ela chega e fica apavorada com os trabalhos, então quando sobra tempo ainda pra eu trabalhar. Eu acho muito importante trabalhar essa questão da memorização, da formação do individuo e que não seja só do intelectual mas concentração, socialização, isso a gente tem que trabalhar mas tem que pegar os pedacinhos de tempo ainda. A aluna precisa de reforço na minha área, mas principalmente em raciocínio matemático porque ela tem muita dificuldade, e outra coisa o numero de aulas, acho que deveria ser maior, eu tenho dois horários semanais, então é pouco, acho que deveria ser pelo menos 4 horários, ainda mais meu caso que são várias disciplinas como história, geografia, inglês; se depender do trabalho de história, por exemplo, tem pesquisa então são os 2 horários para fazer, ai na semana só fico por conta daquele trabalho. Eu acho que deveria ter no mínimo 4 horários, mas... é o pouco que a gente pode oferecer, e a gente tem que fazer tudo pra conseguir nesses dois horários.

Conversa aleatória com a Professora Débora

Substituir a palavra doença por déficit, porque chega uma certa idade que eles tem preconceito, acham que aqui é pra gente doida, então temos que ter cuidado com isso porque eles ficam melindrados. Os pais não aceitam a participação do filho no AEE porque dizem que eles não são doidos, é preconceito. Então tem esse problema quando eles vão pegando uma idade assim que não estão entendendo nada, eles chegam aqui e vê alunos que tem mais dificuldades, ai pensam : - uai meu filho tem problema.

A aluna ate que não, porque ela é tranquila, ela é muito humilde, mas tem muitos alunos não quer, acha que é porque tem problema, que não é normal. Ninguém é perfeito,

todo mundo tem as suas deficiências, uns mais e outros menos, tem que colocar isso na cabeça.

É muito mais gratificante trabalhar no AEE do que está no regular, aqui os meninos se esforçam, é outra coisa, eles fora dos coleguinhas são outras pessoas. As vezes a gente conversando com outro professor eles falam, mas não é a pessoa que você está falando não; muda demais eles sozinho com eles no grupo. Quando eles estão no grupo ficam até mais indisciplinados, mais rebeldes, aqui não, eles fazem tudo que propõe. A gente vê que eles precisam, diferente dos alunos do regular, que eles fazem tão pouco caso do conhecimento que os alunos não estão nem ai, acham que não precisam aprender. Não valorizam nada do conhecimento, o que eles fazem é debochar. Aqui no AEE os meninos se empenham, eles precisam mesmo, isso é muito bom.

➤ **Entrevista com Aluna Carla, diagnosticada com Transtorno Desintegrativo Infantil**

1. **Como sua doença foi adquirida?** Eu nasci com ela.
2. **Como era sua vida antes de participar do AEE?** Eu tinha muita dificuldade e vergonha de não saber as coisas.
3. **O que mudou depois que você começou a participar do AEE?** Aqui eu aprendi muita coisa, me ajuda muito, eu gosto de participar.
4. **Como você se sente na escola, seus colegas de sala te ajudam? Você tem muitos amigos aqui?** Na sala são poucos colegas que me ajuda. Eu tenho quatro amigos.
5. **Como é o seu relacionamento com os professores e gestores da escola?** Os professores são legais, eles tentam me ajudar quando eu não sei,

➤ **Entrevista com as Professoras Rosana e Valéria – Rosana é formada em Letas (Port/Ingl), com especializações em Supervisão, Educação Especial e Língua Portuguesa. Valéria é formada em Educação Física com especialização em Psicomotricidade.**

- **Como é o funcionamento do AEE na escola?** O aluno tem atendimento extra turno de 4h, não pode ultrapassar esse tempo; o aluno tem 50 minutos com cada professor da Educação Especial, sendo aulas de linguagem, raciocínio lógico e matemático, arteterapia e psicomotricidade, cada aluno tem 200 minutos semanais.

- **Os pais auxiliam o trabalho dos professores do AEE?** O relacionamento nosso com os pais é só de apoio para que eles mandem seus filhos no turno extra para que a gente possa trabalhar com eles.

- **Quais as maiores dificuldades no AEE?** Uma das maiores dificuldades é a frequência dos alunos, porque os pais tem dificuldade de trazer seus filhos no extra turno, uma vez que eles também trabalham, então quando eles trazem seus filhos eles ficam aqui a tarde toda conosco, a gente fica revezando e ajeitando para atender também os pais.

- **As salas possuem todo recurso necessário?** Basicamente, para nós que gostamos de estar aqui é o suficiente, mas poderia ser melhor, porque tem outros recursos que a gente poderia, inclusive pessoal pra gente poder fazer um trabalho melhor, está precisando ainda de muita coisa para melhorar.

1. Qual(is) a(s) necessidade(s) desse aluno(a)?

Ambos os alunos possuem Deficiência Intelectual, é uma condição, geralmente irreversível, caracterizada por uma capacidade intelectual inferior à normal com dificuldades de aprendizado e de adaptação social.

2. Como você trabalha com esse aluno (a)? É a maneira que você gostaria de trabalhar, ou gostaria de melhorar algo?

Cada aluno a gente tem que voltar o atendimento individualizado, por quê? A menina, por exemplo, tem deficiência intelectual, com diagnóstico e laudo; o menino, apresenta isso, mas eu não posso afirmar porque a gente faz um relatório circunstanciado, onde a gente fala da vida do aluno para ele poder estar aqui conosco, porque ele ainda não tem o laudo, pois ele ainda está buscando um médico. Por isso que eu falo, que aqui precisava melhorar porque a gente precisava de um psicólogo, médico neurologista que pudesse atender mais rápido esses meninos, porque gasta em média 6 meses para um atendimento, todo mundo sabe que no setor público é assim. Eles precisam desse atendimento, mas demora muito, psicólogo é mais de ano para conseguir. Tem aluno que está na fila de espera tem dois anos para fazer os exames, pra ter o laudo direitinho. Isso é complicado né. A menina você tem que centrar nos jogos, tem que voltar tudo pra ela é difícil, ela não tem em casa um apoio, a família não tem estrutura nenhuma para apoiá-la, ela vive assim, o que ela tem, de ordem de vir para a escola, é madrinha e vizinhos que cuidaram dela e que vem, que traz, que paga pra ela poder vir à escola. São alunos que estão aqui e na verdade precisam estar aqui, precisam de apoio. Eu acredito que são tipos de alunos que precisariam estar na escola em tempo integral, porque eles apresentam maior problema psicológico e não tem apoio em casa, então se eles permanecessem na escola eu acho que ajudaria bastante. Porque eles estão a mercê da rua, a mente deles qualquer pessoa faz a cabeça deles para outro caminho, entendeu, eles são sensíveis; eu diria que eles são mais fáceis de um marginal conquistar do que outra pessoa, para chamar pra fazer alguma coisa de errado. Então, eu acho que, o tratamento individual deles é importante aqui na escola, é isso que a gente procura, porque o nosso trabalho aqui é uma integração com a sala comum, por exemplo, eu trabalho com linguagem, eu sei o que o professor está trabalhando pra eu trabalhar uns jogos, uma coisa diferente, ou dentro da série

aquilo que vai facilitá-lo a desenvolver lá fora, a vida dele mais prática lá na rua e na família. Já a psicomotricidade e arteterapia que trabalha no global, na psicomotricidade vai trabalhar memorização, concentração, aspectos motores, e na arteterapia vai trabalhar a relação interpessoal. Nós adequamos de acordo com a deficiência de cada aluno, isso é necessário, porque não adianta, eu to com um aluno DI e fazer o mesmo tratamento com um aluno cego, porque a deficiência dele é a visão as outras possibilidades ele tem todas, aqui na escola nós damos todas as possibilidades para eles, só que a gente faz de tudo, a gente faz jogos, temos inúmeros jogos pra eles para facilitar, hoje temos o recurso que é o computador para ajudar, mas eu diria pra você que tem outras possibilidades mais praticas, só que nós infelizmente ainda não temos.

Porque na verdade a gente tenta não trabalhar na dificuldade, a gente tenta trabalhar na possibilidade dele, então a gente tenta focar mais nas possibilidades que ele tem. E eu digo sempre que, aqui a educação especial, essa sala de multifuncional é o primeiro passo para a inclusão que esta longe de acontecer, porque se tivesse a inclusão que o menino tivesse o recurso lá na sala de aula como tem na sala multifuncional, a vida dele seria bem mais prática, porque o professor com 38 alunos na sala pra ele ir lá e atender alunos individualmente, eu tenho certeza, que a fala é fácil nós que estamos lá sabemos que é difícil; vou citar um exemplo, nós temos um aluno cego, pode ir lá que a sala não está nem cabendo, ele esta lá, precisando de apoio lá na sala, fui lá nesse momento e o coleguinha está lá ajudando ele a fazer trabalho, ele tem recurso, mas o professor não tem tempo na sala com esse monte de aluno e ir lá individual e falar vamos fazer isso, ai colocar no computador dele o conteúdo, então o professor teria que voltar a aula só para esse menino, mas ele tem na sala 36 alunos, nesse momento. Então essa nossa realidade ainda está longe de acontecer. Aqui a gente trabalha individual com eles, mas lá é outra história. Eles desenvolvem mais quando vem aqui.

3. Como foi o desenvolvimento/evolução desse aluno (a)? É a maneira que deveria acontecer? Se não, como que deveria ser o desenvolvimento desse aluno realizado por um trabalho ideal?

Aqui a gente faz o relatório dele, do desenvolvimento sobre o que ele melhorou, o que ta difícil pra ele melhorar, porque toda pessoa que pegar o aluno tem que saber. A outra realidade que esta distante é que hoje o professor ele não conhece o aluno, fui lá agora e perguntei do aluno tal, pedi pra ele falar sobre o aluno, mas o professor não sabe, ele tem 36 alunos lá; fora a mudança de professor constante, porque igual esse aluno ele ta no 8º ano, as vezes a professora até começa querer adquirir alguma coisa, aí no ano que vem já muda o professor, aí nós temos que começar tudo de novo, é um trabalho de formiguinha, não tem uma coisa constante, as mudanças são sempre grandes. Eles desenvolvem bem mais quando vem pra cá, eu acredito que muito mais, professora falou pra mim que um aluno que era disperso, que foi descoberto que ele tem problema lá no 6º ano e que veio pra gente o diagnostico, a mãe levou, que ele tem deficiência intelectual e ele estava em outra escola e nesse tempo todo a professora não foi capaz de perceber que ele tinha problema, e aí ele veio pra cá esse ano, lá na sala ele melhorou demais, estou até feliz, a professora ficou até emocionada com o tanto que ele melhorou na sala de aula, porque aqui além de nós ajudarmos, a gente conversa muito com eles, fala que não pode, que a gente fica cobrando, estamos de olho, nós vamos lá na sala pra vê como eles estão, de repente eu nem falo com eles mas vou lá é faço um aceno pra que ele veja que eu estou lá.

A gente tenta envolver a família nesse processo, porque é preciso, não é só aqui, aqui é o menor tempo que a criança fica, por isso o ideal seria o tempo integral aqui é o menor tempo, e o maior tempo é em casa, por isso se o pai não nos ajudar lá fica mais lento o processo, pois o aluno fica na escola 4h30. Esses meninos que frequentam o AEE adoram

estar aqui conosco, os que vem, se deixam querem vir todos os dias. Nós temos uma aluna aqui que todo dia fala assim pra gente, amanhã não é meu dia, mas eu posso ir? Eles gostam de estar aqui com a gente.

➤ **Entrevista com a Aluna Bruna, tem 13 anos, diagnosticada com Deficiência Intelectual.**

1. **Como sua doença foi adquirida?** Eu nasci com ela.
2. **Como era sua vida antes de participar do AEE?** Eu tinha muita dificuldade em todas as disciplinas
3. **O que mudou depois que você começou a participar do AEE?** Mudou muita coisa, os professores do AEE tiram as duvidas, eu gosto de participar.
4. **Como você se sente na escola, seus colegas de sala te ajudam? Você tem muitos amigos aqui?** Os colegas da sala não ajudam a gente, nós ficamos isolados na sala de aula, na sala de aula só alguns são nossos amigos.
5. **Como é o seu relacionamento com os professores e gestores da escola?** Nem todos os professores da sala nos ajudam, a toda nossa ajuda vem no AEE.

➤ **Entrevista com o Aluno Jorge, tem 15 anos, diagnosticado com Deficiência Intelectual.**

1. **Como sua doença foi adquirida?** Eu nasci assim.
2. **Como era sua vida antes de participar do AEE?** Eu também tenho dificuldades em todas as disciplinas, gosto de participar do AEE.
3. **O que mudou depois que você começou a participar do AEE?** Mudou muita coisa

4. Como você se sente na escola, seus colegas de sala te ajudam? Você tem muitos amigos aqui? Os colegas de sala não ajudam, eu fico isolado na sala. Eu tenho muitos amigos, mas na sala só alguns são meus amigos.

5. Como é o seu relacionamento com os professores e gestores da escola?
Nem todos professores da sala ajudam a gente, nossa ajuda é no AEE.